

Pesquisadores medem impactos do aquecimento global sobre Abrolhos

Categories : [Notícias](#)

Imagens das placas de colonização instaladas nos recifes rasos de Abrolhos. Foto: Fernando Moraes/JBRJ

Manaus, AM -- Apesar dos pesares, os maiores recifes do Atlântico Sul estão crescendo. Um estudo da [Rede Abrolhos](#) demonstra que, entre 2012 e 2014, cada metro quadrado ganhou 580 gramas de carbonato de cálcio por ano. A taxa é considerada, pelos autores do estudo, intermediária entre corais que já sofreram algum nível de degradação. E entre os pesares estão os efeitos do aquecimento global, que ameaçam a existência de corais em todo o mundo.

“Os recifes são organismos vivos, sempre em crescimento e suportando uma biodiversidade associada”, explica o biólogo Gilberto Menezes Amado-Filho, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e coordenador do estudo. “Na medida em que anomalias (provocadas pelo aquecimento global) se tornam frequentes, eles param de crescer e morrem, diminuindo a diversidade e a biomassa na área”, completa.

É a primeira vez que pesquisadores medem o crescimento de recifes coralinos no Atlântico Sul e os dados vão servir de base para estudos sobre os efeitos das Mudanças Climáticas sobre a região. Durante os estudos, foi acompanhado o crescimento de organismos sobre placas artificiais montadas no ambiente. Os resultados foram publicados em 27 de abril, na revista científica on-line PLOS One.

“No Norte da Austrália, na Grande Barreira de Corais, 95% dos recifes estão sofrendo branqueamento”, destaca o pesquisador. “É como se virassem um monte de concreto sem capa

viva, com menor diversidade e consequências para o ciclo de carbono e ciclos biogênicos.”.

Apesar dos dados obtidos pela Rede Abrolhos não serem tão alarmantes, a situação ainda sim é preocupante. Os pesquisadores verificaram um incremento de tufas de algas e micro-organismos após ondas de calor registradas no verão de 2013/2014. Esses tufo formam o segundo grupo mais abundante nas placas de colonização e passaram a ocupar de 1 a 4% da área total das placas em 2012/2013 para 25% no verão seguinte.

“Na medida em que a temperatura aumenta, organismos que vamos chamar de oportunistas crescem sobre os formadores e os matam, sufocam os organismos construtores”, explica Gilberto Amado-Filho. Os estudos demonstram também que algas calcárias, e não corais, são os principais formadores dos recifes.

Os pesquisadores continuam a monitorar a região de Abrolhos, com instalação de novas placas de colonização e sensores de temperatura e qualidade da água. Apesar de parte dos recifes serem protegidas pelo Parque Nacional e outras unidades de conservação, a ampliação das áreas de proteção em Abrolhos, prometida pelo Ministério do Meio Ambiente há quase uma década, ainda está parada.

Saiba Mais

[Artigo: Carbonate Production by Benthic Communities on Shallow Coral Reefs of Abrolhos Bank, Brazil.](#)

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/noticias/cientistas-revelam-recife-submerso-na-costa-amazonica/>

<http://www.oeco.org.br/reportagens/29160-abrolhos-sofre-com-sobrepesca-e-queda-no-numero-de-visitantes/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/lama-da-samarco-chega-em-abrolhos-diz-ibama/>

<http://www.oeco.org.br/reportagens/29160-abrolhos-sofre-com-sobrepesca-e-queda-no-numero-de-visitantes/>

